

# Proposições relacionais e conversação: uma análise das relações estabelecidas nas trocas de turno

Juliano Desiderato Antonio

Departamento de Letras, Universidade Estadual de Maringá, Av. Colombo, 5790, 87020-900, Maringá, Paraná, Brasil.  
e-mail: jdantonio@uem.br

**RESUMO.** Além do conteúdo explícito veiculado pelas orações, há proposições implícitas que surgem das relações estabelecidas entre porções de texto. São as chamadas “proposições relacionais”. Neste trabalho, investiga-se como se dá o estabelecimento dessas relações em textos dialógicos. Dois diálogos entre dois informantes do projeto Nurc serão analisados, com base na teoria da estrutura retórica do texto.

**Palavras-chave:** análise da conversação, estrutura retórica do texto, proposições relacionais.

**ABSTRACT. Relational propositions and conversation: a study of relations held in turn exchanges.** Besides the explicit content conveyed by clauses in a text, there are implicit propositions which arise from the relations held by text portions called “relational propositions”. This paper, using the rhetorical structure theory, investigates how these relations are held in two dialogues of the NURC project.

**Key words:** conversation analysis, rhetorical structure theory, relational propositions.

## Introdução e considerações metodológicas

Além do conteúdo proposicional veiculado explicitamente pelas orações de um texto, há proposições implícitas que surgem das relações estabelecidas entre porções de texto. São as chamadas “proposições relacionais” (Mann e Thompson, 1983:1-3). Este trabalho tem o objetivo de investigar como são estabelecidas essas relações nas trocas de turno na conversação.

De acordo com Preti (2002:45), a conversação está incluída em um tipo de interação definida como focalizada, na qual os participantes têm “um único foco de atenção visual e cognitiva”. Encontra-se em Marcuschi (1986:15) uma afirmação semelhante. Para esse autor, a conversação é um tipo de interação verbal definida como centrada, na qual “os interlocutores voltam sua atenção visual e cognitiva para uma tarefa comum”.

Hilgert (2002:94) apresenta um traço essencial da conversação, a cooperação. Para ele, o texto conversacional é “construído cooperativamente por interlocutores em interação”.

As três metafunções estabelecidas por Halliday (1985) dão suporte à análise funcional do texto conversacional. A metafunção ideacional (entender o ambiente) diz respeito à língua enquanto representação da realidade. Por sua vez, a metafunção interpessoal (influir sobre os outros) coloca em questão a língua como troca ou interação.

Por último, a metafunção textual confere relevância às outras duas metafunções. No texto conversacional podem ser encontradas instâncias das três metafunções: na interação, interlocutores, no trabalho de representação da realidade, procuram influir um sobre o outro, formando o texto conversacional.

O *corpus* de análise deste trabalho é composto por dois segmentos de diálogos entre dois informantes (D2) do Projeto Nurc<sup>1</sup>. No primeiro - doravante texto 1 - (D2 nº 343 - Nurc/SP - Castilho e Preti, 1987), o trecho analisado vai da linha 427 à linha 575. Os informantes são dois irmãos, de sexo diferente. Ele, identificado como L1, é engenheiro e tem 26 anos. Ela, identificada como L2, é psicóloga e tem 25 anos. O segundo segmento de diálogo - doravante texto 2 - pertence ao projeto Nurc/RJ (D2 nº 147) e está disponível na URL <http://www.letras.ufrj.br/nurc-rj>. O trecho analisado vai da linha 1 à linha 97<sup>2</sup>. As informantes são do sexo feminino, ambas de 25 anos, tendo L1 formação

<sup>1</sup> O projeto de estudo da norma lingüística urbana culta (Nurc) realizou gravações de elocuições formais, diálogos e entrevistas em cinco capitais brasileiras: São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Recife e Salvador (Preti, 1993).

<sup>2</sup> A contagem de linhas foi feita após a importação do texto do navegador Microsoft Internet Explorer para o processador de textos Microsoft Word 2000, considerando-se a seguinte formatação de página: papel tamanho A4, fonte Times New Roman corpo 12, margens superior e inferior de 2,5 cm., margens direita e esquerda de 3 cm.

superior em Filosofia e L2 formação superior em Bioquímica.

O aparato teórico-metodológico empregado na análise é a teoria da estrutura retórica do texto (cf. item 1.1). Os principais pesquisadores envolvidos no desenvolvimento dessa teoria (Sandra Thompson, Christian Matthiessen, William Mann) pertencem a um grupo funcionalista norte-americano formado por pesquisadores como Charles Li, John Haiman, Paul Hopper, Scott DeLancey, Talmy Givón, Wallace Chafe, dentre outros. As pesquisas desse grupo têm como campo de estudo a relação entre gramática e discurso, lançando mão de um olhar pragmático sobre o funcionamento das línguas. Podem ser citadas como exemplo as publicações conjuntas desses autores: *Discourse and Syntax* (Givón, 1979), *Tense-Aspect: Between Semantics and Pragmatics* (Hopper, 1982), *Clause Combining in Grammar and Discourse* (Haiman e Thompson, 1988).

Como a teoria da estrutura retórica do texto é aplicada principalmente para a análise de textos monológicos, este trabalho também pretende investigar a possibilidade de se empregar essa teoria na análise de textos conversacionais, como vem sugerindo o professor Bill Mann, por meio da lista de discussões específica da teoria da estrutura retórica do texto na Internet ([www.sil.org/linguistics/rst](http://www.sil.org/linguistics/rst)).

### Estrutura Retórica do Texto: quadro teórico em que se inserem as proposições relacionais

A Teoria da Estrutura Retórica é uma teoria descritiva que tem por objeto o estudo da organização dos textos, caracterizando as relações que se estabelecem entre as partes do texto (Mann e Thompson, 1983, 1985, 1987a e b, 1988; Mann *et al.* 1992; Mathiessen e Thompson, 1988).

Há quatro tipos de elementos na teoria: relações, esquemas, aplicações de esquemas e estruturas.

### Relações

A definição de uma relação identifica uma certa relação entre duas porções de texto (intervalo linear ininterrupto de texto - Mann e Thompson, 1987b:4). Como o analista não tem acesso ao produtor do texto nem ao seu interlocutor, a definição da relação deve ser baseada em julgamentos de plausibilidade (Mann e Thompson, 1988). Embora uma lista de aproximadamente 25 relações já tenha sido estabelecida, essa lista não está fechada e novas relações podem ser acrescentadas (*ibid.*)<sup>3</sup>.

<sup>3</sup> A lista de relações da teoria pode ser encontrada no *site* [www.sil.org/linguistics/rst](http://www.sil.org/linguistics/rst).

A definição de uma relação leva em conta três aspectos: restrições sobre o núcleo ou sobre o satélite, individualmente; restrições sobre a combinação do núcleo com o satélite; intenção do produtor.

Em termos de organização, as relações podem ser divididas em dois grupos: relações do tipo núcleo-satélite, em que uma porção de texto é ancilar da outra; relações multinucleares, em que cada porção de texto é um núcleo.

Nas Tabelas 1 e 2, são apresentadas, respectivamente, as definições das relações de elaboração (núcleo-satélite) e de contraste (multinuclear).

**Tabela 1.** Definição da relação núcleo-satélite de elaboração

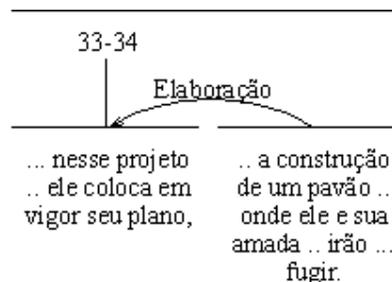
Nome da relação	Restrições sobre o núcleo ou sobre o satélite individualmente	Restrições sobre núcleo + satélite	Intenção do produtor
Elaboração	Nenhuma	O satélite apresenta detalhes adicionais sobre a situação ou sobre algum elemento do assunto que é apresentado no núcleo.	O interlocutor reconhece o satélite como fornecendo detalhes adicionais para o núcleo. O interlocutor identifica o elemento do assunto para o qual o detalhe é fornecido.

**Tabela 2.** Definição da relação multinuclear de contraste

Nome da relação	Restrições sobre cada par de núcleos	Intenção do produtor
Contraste	Não mais do que dois núcleos; as situações nesses núcleos são (a) compreendidas como semelhantes em vários aspectos; (b) compreendidas como diferindo em alguns aspectos e (c) pela comparação comparado com respeito a uma ou mais dessas diferenças	O interlocutor reconhece a comparabilidade e as diferenças levantadas pela comparação sendo feita

### Esquemas

Os esquemas são padrões que especificam como porções de texto se combinam. Na Figura 1, encontra-se um exemplo de esquema de relação do tipo núcleo-satélite e, na Figura 2, encontra-se um exemplo de esquema de relação multinuclear.



**Figura 1.** Exemplo de esquema de relação do tipo núcleo satélite

No exemplo da Figura 1, a porção de texto que funciona como satélite acrescenta informações

adicionais a respeito do conteúdo da porção de texto que funciona como núcleo, ou seja, no satélite, explica-se o “plano” mencionado no núcleo. Com relação ao esquema, a seta é apontada na direção do satélite para o núcleo.



Figura 2. Exemplo de esquema de relação multinuclear

No exemplo da Figura 2, cada porção de texto é um núcleo distinto, e o conteúdo dos núcleos é colocado em contraste.

### Aplicações dos esquemas

Nos esquemas, as curvas representam as relações estabelecidas, as linhas horizontais representam as porções de texto e as linhas verticais representam os núcleos. Em sua aplicação a um texto, os esquemas não precisam seguir exatamente os padrões pré-estabelecidos, podendo haver algumas variações, seguindo-se as seguintes convenções:

- a ordem em que aparecem o núcleo e o satélite não é fixa;
- em esquemas multi-relacionais, as relações individuais são opcionais, mas pelo menos uma das relações deve ser estabelecida;
- uma relação que faz parte de um esquema pode ser aplicada quantas vezes for necessária na aplicação do esquema.

### Estruturas

A estrutura retórica de um texto, representada por um diagrama arbóreo, é definida pelas redes de relações que se estabelecem entre porções de texto sucessivamente maiores. Segundo Mann e Thompson (1987a e b), a estrutura retórica é funcional, pois leva em conta como o texto produz um efeito sobre o enunciatário, ou seja, toma como base as funções que as porções do texto assumem para que o texto atinja o objetivo global para o qual foi produzido.

No exemplo da Figura 3, pode-se observar o diagrama da estrutura retórica de um texto chamado “Lactose and Lactase”, encontrado na URL <http://www.sil.org/~mannb/rst/lactose/index.htm>.

Na análise, feita pelo grupo de pesquisadores descrito no item 1, a porção central de todo o texto é composta pelas unidades 4 e 5, cujos conteúdos são colocados em contraste. As unidades 2 e 3 funcionam como satélite de *background* para a porção central do texto, ou seja, fornecem informações prévias sem as quais é difícil a compreensão das unidades 4 e 5. A unidade 3 acrescenta informações adicionais à unidade 2, estabelecendo com ela relação de elaboração. A unidade 1, por sua vez, que é o título do texto, estabelece uma relação de preparação com as outras unidades do texto.

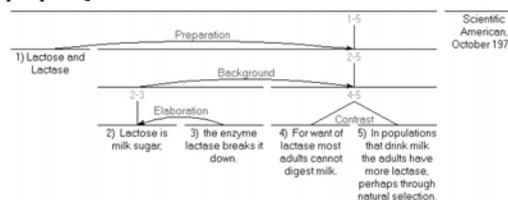


Figura 3. Diagrama da estrutura retórica do texto “Lactose and Lactase”

### Proposições relacionais

Duas observações importantes devem ser feitas a respeito das proposições relacionais:

1. elas são combinacionais e são definidas textualmente, ou seja, elas surgem da combinação das porções de texto;
2. elas são implícitas, isto é, além do conteúdo explícito expresso pelas partes de texto que se combinam, há também um conteúdo implícito, a proposição relacional.

Segundo Mann e Thompson (1988), as proposições relacionais são essenciais para a coerência do texto porque uma proposição relacional surge de cada relação estabelecida dentro da estrutura do texto, de tal forma que um texto pode se tornar incoerente ou ser interpretado de outra maneira se houver uma relação faltando. E como as proposições relacionais surgem da estrutura retórica do texto, elas podem ser expressas sem qualquer marca formal.

### Análise dos dados

Inicialmente, foi feita a seleção, em ambos os textos, dos turnos que seriam analisados. Foram escolhidos, para o propósito deste trabalho, os turnos nucleares<sup>4</sup> que contribuísssem para a continuidade do tópico<sup>5</sup> (Fávero, 1993), tanto pelo acréscimo de informações quanto pela discordância e conseqüente

<sup>4</sup> Para Galembeck (1993:61), turnos nucleares são os que têm “valor referencial nítido”, isto é, veiculam informações.

<sup>5</sup> Tópico é, aqui, tomado no sentido geral de “aquilo acerca de que se está falando” (Brown e Yule, 1983).

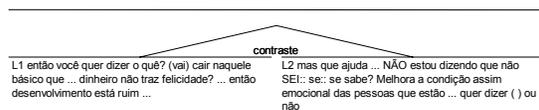
contra-argumentação. Foram excluídos, dessa forma, turnos inseridos<sup>6</sup> e turnos formados por seqüências do tipo pergunta-resposta (Marcuschi, 1986).

No texto 1, os informantes discutem a respeito da cidade. L1 procura relacionar seus conhecimentos de engenheiro aos conhecimentos de L2, psicóloga, estabelecendo uma analogia entre a cidade e o homem. L1 participa mais ativamente da conversação, assaltando constantemente os turnos de L2, que assume o papel de ouvinte, uma vez que a maioria de seus turnos são inseridos. Tal observação pode ser confirmada pela observação dos dados da Tabela 3. A maioria dos turnos de L1 são nucleares (73%), ao passo que a os turnos inseridos de L2 (40%) são quase tão freqüentes quanto seus turnos nucleares (42%).

**Tabela 3.** Tipos de turnos de cada interlocutor no texto 1

	Turnos nucleares		Turnos inseridos		Turnos interrompidos	
	N	%	N	%	N	%
L1	23	74%	4	13%	4	13%
L2	14	42%	13	40%	33	18%

Dos turnos nucleares de L2, 50% têm a função de contra-argumentar. Desses sete turnos, cinco são introduzidos por orações paratáticas adversativas, iniciadas pelo juntivo *mas*, e estabelecem, com o turno anterior, uma relação de contraste, nos termos da teoria da estrutura retórica do texto. Tome-se como exemplo a Figura 1.



**Figura 1.** Relação de contraste entre turnos

A proposição relacional de contraste é estabelecida por L2 por meio da oração paratática “mas que ajuda” em relação à oração “dinheiro não traz felicidade”, enunciada por L1.

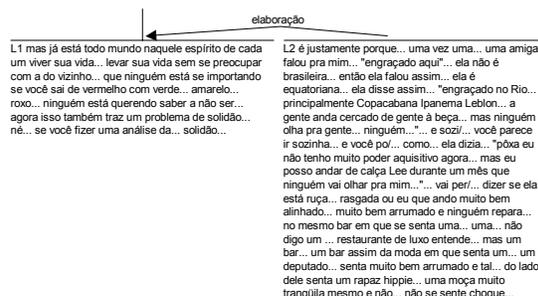
No texto 2, as interlocutoras conversam sobre a vida social em Ipanema. L1 domina a conversação e L2 assume o papel de ouvinte, conforme pode ser observado na Tabela 4. A maioria dos turnos de L1 (89%) são nucleares, ao passo que a freqüência de turnos inseridos de L2 (43%) está pouco abaixo da sua freqüência de turnos nucleares (48%).

Ao contrário do que ocorre no texto 1, no texto 2 há concordância das interlocutoras com relação ao assunto abordado. Em cinco de seus dez turnos

nucleares, L2 colabora com L1 acrescentando informação ao conteúdo do turno anterior de sua interlocutora. No exemplo da Figura 2, L2 cita um exemplo que ilustra o que foi dito por L1. Trata-se da preposição relacional de elaboração.

**Tabela 4.** Tipos de turnos de cada interlocutor no texto 2

	Turnos nucleares		Turnos inseridos		Turnos interrompidos	
	N	%	N	%	N	%
L1	17	89%	2	11%	-	-
L2	10	48%	9	43%	2	9%



**Figura 2.** Relação de elaboração entre turnos

No que diz respeito à articulação de orações, embora essa relação tenha sido estabelecida entre dois complexos de orações, observou-se nos textos analisados que os turnos nucleares são iniciados por orações paratáticas. Essa observação é confirmada por Moraes (1993:184), que também encontrou uma predominância da parataxe em início e em fim de turnos. A explicação dada pela autora é que “co-ordenar significa relacionar elementos de função equivalente - a conjunção coordenativa pela simples presença anuncia que deverá haver uma continuação, um segundo elemento, pelo menos”.

Os interlocutores envolvidos na conversação criam um texto em conjunto. Para isso, colaboram um com o outro, acrescentando informações e até mesmo contra-argumentando.

Considerando-se o diálogo um texto produzido em co-autoria, procurou-se verificar como se estabelecem as proposições relacionais nas trocas de turno. Das relações multinucleares, observou-se como a relação de contraste é empregada na contra-argumentação, e das relações núcleo-satélite observou-se como a relação de elaboração é empregada para acrescentar informações em concordância com o conteúdo veiculado no turno anterior. No que diz respeito à articulação de orações, observou-se que os turnos geralmente são iniciados por parataxe.

É importante também notar que a teoria da estrutura retórica do texto (quadro teórico em que se

<sup>6</sup> Para Galembeck (1993:67), os turnos inseridos têm função de “indicar que um dos interlocutores aceita e assume a posição de ouvinte”, demonstrando reforço, concordância, entendimento etc.

inserir as proposições relacionais) foi empregada de forma satisfatória na análise dos textos conversacionais.

### Referências

- BROWN, G.; YULE, G. *Discourse analysis*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
- CASTILHO, A.T.; PRETI, D. (Org.) *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: diálogos entre dois informantes*. São Paulo: T. A. Queiroz/Fapesp, 1987.
- FÁVERO, L.L. O tópico conversacional. In: PRETI, D. (Org.) *Análise de textos orais*. São Paulo: FFLCH/USP, 1993, p. 33-54.
- GALEMBECK, P.T. O turno conversacional. In: PRETI, D. (Org.) *Análise de textos orais*. São Paulo: FFLCH/USP, 1993, p. 55-79.
- GIVÓN, T. (Ed.) *Discourse and Syntax*. New York: Academic Press, 1979.
- HAIMAN, J.; THOMPSON, S. (Ed.) *Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1988.
- HALLIDAY, M.A.K. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold, 1985.
- HILGERT, J.G. A colaboração do ouvinte na construção do enunciado do falante - um caso de interação intraturno. In: PRETI, D. (Org.) *Interação na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas, 2002.
- HOPPER, P. (Ed.) *Tense-Aspect: between semantics and pragmatics*. Amsterdam: J. Benjamins, 1982.
- MANN, W.C.; THOMPSON, S.A. *Relational propositions in Discourse*. ISI/RR-83-115, 1983.
- MANN, W.C.; THOMPSON, S.A. *Assertions from Discourse Structure*. ISI/RS-85-155, 1985.
- MANN, W.C.; THOMPSON, S.A. Rhetorical Structure Theory: a framework for the analysis of texts. ISI/RS-87-185, 1987a.
- MANN, W.C.; THOMPSON, S.A. Rhetorical Structure Theory: a theory of text organization. ISI/RS-87-190, 1987b.
- MANN, W.C.; THOMPSON, S.A. Rhetorical Structure Theory: toward a functional theory of text organization. *Text*, v. 8, n. 3, p. 243-281, 1988.
- MANN, W.C. et al. Rhetorical Structure Theory and text analysis. In: MANN, W.C.; THOMPSON, S.A. (Ed.) *Discourse description: diverse linguistic analyses of a fundraising text*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1992, p. 39-77.
- MARCUSCHI, L.A. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1986.
- MATTHIESSEN, C.; THOMPSON, S. The structure of discourse and 'subordination'. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. (Ed.) *Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1988.
- MORAES, L.C.D. A sintaxe na língua falada. In: PRETI, D. (Org.) *Análise de textos orais*. São Paulo: FFLCH/USP, 1993.
- PRETI, D. *Análise de textos orais*. São Paulo: FFLCH/USP, 1993.
- PRETI, D. Alguns problemas interacionais da conversação. In: PRETI, D. (Org.) *Interação na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas, 2002, p. 45-66.

Received on September 06, 2002.

Accepted on January 14, 2003.